

■ DOSSIÊ - ARTIGOS

■ A Educação Física Escolar recebeu a Copa do Mundo no Brasil: uma proposta de intervenção pedagógica crítica acerca dos megaeventos

 Rebeca Signorelli Miguel*
Elaine Prodócimo**

Resumo: O objetivo do artigo é refletir sobre uma proposta de intervenção pedagógica que visou estudar a Copa do Mundo na Educação Física Escolar, com ênfase nos períodos de realização de megaeventos esportivos, tendo como pano de fundo a discussão acerca deste componente curricular na escola. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de análise e reflexão crítica sobre a intervenção pedagógica. Foram utilizadas ferramentas metodológicas como o diário de campo e as rodas de conversas gravadas. São apresentados o planejamento do estudo proposto e os resultados da intervenção pedagógica, refletindo sobre os caminhos da prática pedagógica na realidade de uma escola pública municipal em um 9º ano do Ensino Fundamental. O estudo alcançou os objetivos, cumprindo o trato pedagógico do esporte na escola de maneira crítica, ampla e profunda, tematizado nos megaeventos esportivos, seus conteúdos e ênfase nos momentos de sua realização.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Escola. Esporte. Copa do mundo. Megaeventos esportivos.

* Rebeca Signorelli Miguel é graduada (licenciatura e bacharelado) em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2010), mestra em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP, doutoranda na Faculdade de Educação da UNICAMP. Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Passos-MG. Contato: rebecasignorelli@gmail.com

** Elaine Prodócimo é mestre em Educação Especial (Educação do Indivíduo Especial) pela Universidade Federal de São Carlos (1994) e doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2002). Livre docente da Universidade Estadual de Campinas. Contato: elaine@fef.unicamp.br

da Educação Física Escolar, assumimos o desafio colocado por Bracht e Almeida (2013) quando afirmam a necessidade de a Educação Física não se submeter à lógica (imperativa) do sistema esportivo nos momentos de megaeventos, mas assumir o compromisso político de evitar a simples adesão eufórica dos/as estudantes ao evento.

Este artigo tem o objetivo de analisar e refletir criticamente acerca de uma intervenção pedagógica na Educação Física Escolar que visou estudar a Copa do Mundo, com ênfase na edição brasileira ocorrida no ano de 2014. Essa análise é composta pelo entrelaçamento entre o planejamento do estudo e os resultados obtidos na intervenção pedagógica na realidade escolar. Destaca-se a preocupação de que a proposta seja uma possibilidade para a Educação Física tematizar os megaeventos esportivos em suas diferentes edições, países e localidades⁶.

Nesse sentido, discutimos os resultados da pesquisa posteriormente a uma apresentação acerca do planejamento que antecedeu a intervenção pedagógica na realidade escolar. O planejamento pedagógico é um processo complexo que envolve a apresentação dos objetos a serem estudados, dos objetivos, das estratégias para se alcançar tais objetivos e da avaliação acerca do processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, a seção 2 deste artigo apresenta brevemente a proposta de estudo resultante do planejamento pedagógico. E, em seguida, na seção 3, tem-se a apresentação das análises realizadas.

1. Método

A fim de atingir o objetivo, realizamos uma pesquisa qualitativa que compreendeu análise e reflexão crítica da intervenção pedagógica executada pela professora pesquisadora em seu cotidiano docente. Para essa forma de pesquisar, segundo Martins (1989, p. 58), “uma questão metodológica importante é a que se refere ao fato de que não se pode insistir em procedimentos sistemáticos que possam ser previstos, em passos ou sucessões como uma escada em direção à generalização”.

A pesquisa contou com um método que uniu revisão bibliográfica à análise e reflexão crítica, a partir de ferramentas metodológicas, sobre a intervenção pedagógica na realidade escolar. A revisão bibliográfica possibilitou o planejamento da proposta pedagógica e foi realizada tendo como foco as produções brasileiras sobre Educação Física Escolar alinhadas ao referencial teórico metodológico escolhido. A análise e reflexão crítica acerca da intervenção pedagógica se deu a partir de ferramentas que tornaram possíveis o olhar pesquisador sobre a própria atuação docente.

A prática pedagógica aconteceu em um 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, em três aulas de Educação Física por semana (50 minutos cada), durante os dois meses que antecederam a Copa do Mundo no Brasil.

As ferramentas metodológicas utilizadas para a análise e reflexão crítica acerca da prática pedagógica foram o diário de campo e as transcrições de momentos de aulas gravados com a finalidade de serem analisados sob o olhar pesquisador. Os trabalhos escritos realizados pelos/as estudantes também foram fontes de saberes que proporcionaram a reflexão acerca do processo ensino-aprendizagem. O diário de campo possibilitou

o registro constante dos acontecimentos das aulas e foi primordial para que a pesquisadora pudesse analisar os acontecimentos fora daquele espaço-tempo em que se encontrava como professora (com as inúmeras funções e ações imprevisíveis que a realidade escolar demanda). Era uma ferramenta que estava presente durante todo o momento da professora na escola, com anotações sobre fatos e elementos observados e julgados importantes ao estudo. Ademais, as transcrições das rodas de conversa gravadas também permitiram a análise posterior com o intuito da pesquisa. A pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética⁷.

A partir dos materiais levantados pelas ferramentas metodológicas procedemos ao tratamento dos dados da pesquisa por meio de levantamento de temas relevantes surgidos no processo de análise. Esses temas foram construídos a partir de um processo de categorização das análises e reflexões. Os elementos que estavam muito presentes, os que mais chamaram atenção, os que mobilizaram muita demanda dos/as estudantes, aqueles que dialogavam intensamente com os objetivos do estudo, são aqueles que se transformaram em categorias e são apresentados de maneira reflexiva na pesquisa, ainda com o objetivo de dialogar com o campo da Educação Física no que diz respeito à sua prática na escola.

2. A proposta de estudo da Copa do Mundo na Educação Física Escolar

A proposta foi de um ensino/estudo profundo, amplo e crítico da Copa do Mundo no Brasil nas aulas de Educação Física de um 9º ano do Ensino Fundamental. Profundo, pois se preocupou em sair da superficialidade no tratamento do esporte e do megaevento esportivo, fato intensificado pela simultaneidade do estudo à ocorrência da Copa do Mundo no Brasil. Amplo, porque buscou movimento de ampliação do olhar sobre o megaevento esportivo. E crítico porque se comprometeu em estudá-lo na realidade complexa e contraditória, buscando relações com sua ocorrência em território brasileiro.

A proposta foi pensada em duas “frentes”: (1) compreender a lógica do megaevento – e assim do sistema esportivo atual – com suas características, funções sociais e econômicas, legitimações sociais, aparatos midiáticos e ideológicos; e (2) estudar o futebol, na sua totalidade, desde sua história, suas técnicas e táticas, até sua estrutura, dimensão simbólica e identitária.

Predispor os discentes para esses megaeventos significa ampliar os seus conhecimentos sobre o fenômeno esportivo, e isso envolve tanto o aprendizado dos esportes no sentido de sua prática, suas regras, suas características e lógicas internas, como a compreensão do significado cultural, político e econômico do esporte de uma maneira geral e dos megaeventos em particular (BRACHT; ALMEIDA, 2013, p. 139).

Para o estudo do evento Copa do Mundo, vários aspectos do próprio futebol, sendo um esporte, se relacionam, se assemelham e fazem parte das características do megaevento, como, por exemplo, a espetacularização, o consumo (mercado) e a tecnologia. Isso demonstra como os conteúdos e temas não foram tratados de maneira linear.

Na “frente” do estudo do esporte Futebol, levamos em consideração o que a literatura da área nos traz. O Coletivo de Autores (1992) propôs como fundamental a análise de aspectos que incluem:

- o futebol enquanto jogo com suas normas, regras, e exigências físicas, técnicas e táticas;
- o futebol enquanto espetáculo esportivo;
- o futebol enquanto processo de trabalho que se diversifica e gera mercados específicos de atuação profissional;
- o futebol enquanto jogo popularmente praticado;
- o futebol enquanto fenômeno cultural que inebria milhões e milhões de pessoas em todo o mundo e, em especial, no Brasil (p. 72).

Souza Junior e Darido (2010) questionam quais seriam os aspectos do futebol que contribuiriam para a formação de estudantes críticos e autônomos. Afirmando a necessidade de ir além do costumeiro jogar, das técnicas e táticas, e compreendê-lo cultural e historicamente.

Essas duas frentes foram planejadas de forma a espiralarem-se, estando presentes durante toda proposta e muitas vezes misturadas. Isso se deu por meio de temas elencados e tratados de maneira espiralada abrangendo o conteúdo desejado.

O Coletivo de Autores (1992), sobre a organização do ensino, expõe o princípio da “simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade” (p. 32). Tal princípio confronta o “etapismo”, forma conservadora e linear de organizar os conteúdos com pré-requisitos e ordem de complexidade. Segundo os mesmos autores, essa forma criticada de trabalho (“etapismo”) dificulta a visão de totalidade por parte dos/as estudantes, desenvolvendo um modo fragmentado de olhar a realidade, enquanto a simultaneidade explícita “a relação que mantém entre si para desenvolver a compreensão de que são dados da realidade que não podem ser pensados nem explicados isoladamente” (p. 32).

Outro princípio curricular elencado pelo Coletivo de Autores (1992) adotado na presente proposta foi a “espiralidade da incorporação das referências do pensamento”, que “significa compreender as diferentes formas de organizar as referências do pensamento sobre o conhecimento para ampliá-las” (p. 33).

Os temas escolhidos e organizados para serem trabalhados na proposta a partir das reflexões sobre futebol e Copa do Mundo foram: *gênero e futebol*; *jogos de pedipulação*; *história do esporte e do futebol*; *tática e técnica do futebol (na Educação Física Escolar)*; *nacionalismo e o futebol*; *mídia e esporte*; e, *Copa do Mundo e as transformações sociais*.

A escolha de organização dos conteúdos – a Copa do Mundo e o Futebol – foi interpretada na figura apresentada abaixo. Os grandes temas estudados formam o espiral que alinhava, sem rupturas, mas associando e fazendo parte, as duas “frentes”. O conhecimento e as reflexões são possíveis de serem realizados, “indo e vindo”, de forma a costurar os conteúdos e reorganizá-los de acordo com o processo de aprendizagem. O fundamental é perceber e vivenciar essas complexidades de inserção de um campo no outro principalmente no que diz respeito ao esporte moderno e a um de seus eventos mais famosos. Os temas que formam a proposta são apresentados na Figura 1.

Figura 1 – Esquema conteúdos propostos em espiralidade



Fonte: elaboração própria

3. A intervenção pedagógica

A intervenção pedagógica analisada na pesquisa gerou temas a serem aprofundados com reflexões críticas acerca da Educação Física escolar. Esses temas foram levantados seja pela intensidade seja pela frequência com que apareceram na prática pedagógica. São eles: Perspectivas das/os alunas/os sobre o megaevento sediado no Brasil (e na escola); O futebol e o futsal: possíveis caminhos do esporte na e da escola; Jogo x esporte; (Não) (às) meninas e o (não) futebol; A participação das/os estudantes; Dissonâncias e silêncios: resistências (des) percebidas; Um convite para olhar pelo olhar (delas/es).

3.1 Perspectivas das/os alunas/os sobre o megaevento sediado no Brasil (e na escola)

Freire (1996) afirma que ensinar exige respeito aos saberes do/a educando/a. E problematiza: “Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (p. 31-32).

O respeito que devemos aos/às educandos/as revela-se na consideração de que são seres humanos históricos e, portanto, com experiências e conhecimentos. Considerá-los/as assim, não como um copo vazio onde depositamos o que a escola almeja, é fundamental para o trabalho pedagógico interessado em formar cidadãos/ãs críticos/as e conscientes já que suas vivências lhe conferem conhecimentos e experiências. Ademais, o conhecimento aprendido na escola é o que medeia a relação entre o sujeito e sua realidade vivida.

Essa foi uma preocupação cotidiana na proposta. Saber o

que os/as estudantes pensavam sobre determinados assuntos era ponto de partida para as reflexões e estudos dos conteúdos. Em dois momentos isso foi tematizado de maneira direta. Houve uma roda de conversa sobre a opinião dos/as estudantes acerca da Copa do Mundo, onde diversos temas surgiram e foram debatidos. E, também, algumas perguntas que os/as estudantes responderam por escrito, de maneira mais objetiva e individual.

Por meio dessas duas ferramentas foi possível ter acesso à visão do grupo sobre a Copa do Mundo no Brasil. Eles se mostraram conscientes e sabedores das mais atuais notícias sobre o evento, com ênfase naquelas veiculadas pela mídia de grande alcance nacional. Demonstraram contrariedade à realização do evento utilizando-se de justificativas sobre a realidade social e econômica do Brasil, porém com pouco aprofundamento em relação ao que lhes conferia tal posicionamento.

Quando perguntados sobre o que a Copa do Mundo no Brasil afeta em suas vidas, responderam:

“Pra mim não muda nada porque não gosto de futebol e várias pessoas sofrem por querer ir em um jogo ou querer ver pela TV e muitas vezes tem pessoas que não podem ter nem televisão”

“Eu acho que não tem relação com a minha vida”

“Comigo é assistir”

“Não vai mudar nada”

(falas das/os estudantes em roda de conversa)

Apesar do possível sentimento de identidade do povo brasileiro com o futebol, e do exercício da mídia em propagar o tempo de “festa” proporcionado pela Copa do Mundo, durante a prática pedagógica que tematizou o megaevento os/as estudantes não afirmaram se sentir pertencentes ou envolvidos. Nas falas, as críticas à realização e o diagnóstico do quanto o evento estava “longe” deles foram constantes. Se mostravam descontentes com o evento que, embora em seu território, não lhes traria nada positivo e sequer seria visualizado por eles, apesar de tão presente nas mídias.

O esporte, e no Brasil especificamente o futebol, provoca comoção de multidões. Como afirma Daolio (2003), o futebol está impregnado na sociedade brasileira. Pode ser utilizado pelo Estado com fins diversos, legitimando ações no país como a afirmação da ditadura militar e as transformações urbanas para sediar a Copa do Mundo. “Digamos que questões sobre a identidade nacional são tematizadas na linguagem do futebol, especialmente no momento de realização de grandes eventos” (SOARES, 1994, p. 94).

A consolidação do esporte, e consequentemente da Educação Física historicamente legitimada pela instituição esportiva no Brasil, foi crescente nos idos do regime militar ditador. Naquele momento, foi possível ver a “euforia incentivada para com a seleção brasileira de futebol em 1970, ao mesmo tempo em que, nos porões da ditadura, crescia a violência contra os opositores ao regime, com prisões, tortura e morte” (ASSIS DE OLIVEIRA, 2001, p. 15-16).

A mídia tem importante função em causar os sentimentos relacionados aos acontecimentos cotidianos. Sobre o futebol e a Copa do Mundo não foi ou é diferente. Por isso, compreender esses entrelaçamentos é necessário em um estudo sobre o

esporte moderno no Brasil, “país em que a televisão tem um papel absurdamente grande na síntese da cultura de crianças, jovens e adultos” (VAZ; BASSANI, 2013, p. 90). O fator espetacular do esporte atual (de rendimento) é uma forma de caracterização da sociedade já que “o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade” (DEBORD, 1997, p. 14). Além disso, “a FIFA também concentra sua principal receita na venda dos direitos de transmissão e de marketing” (OLIVEIRA, 2014, p. 29), fato fundamental na caracterização e compreensão deste megaevento.

Segundo Bracht (2005), a construção dos ídolos esportivos subverte o mundo racional e toca em elementos míticos. É um mundo ao mesmo tempo real e irreal e a mídia tem papel decisivo nessa construção.

Os megaeventos esportivos [...] são, comercialmente, de grande interesse, e [...] o esporte [...] só apresenta o sentido que tem hoje por causa de sua importância econômica e política como espetáculo de consumo. [...] a imprensa, não apenas notícia o esporte, mas o cria como fenômeno e espetáculo (VAZ; BASSANI, 2013, p. 91).

Assim, por meio de análises de reportagens, de atividades nas quais os alunos deveriam reportar, de maneira jornalística, a aula, o tema da mídia foi trabalhado em sua relação com o futebol e os megaeventos. Até a principal avaliação (refletida a seguir) desta intervenção pedagógica foi por meio de uma ferramenta pedagógica que dialoga diretamente com a mídia, denominado Jornal de Parede.

Desta maneira, houve preocupação de os/as estudantes saberem “discernir o que é útil e o que deve ser criticado nas informações esportivas oriundas da mídia, (pois assim) saberão reivindicar mais espaços, profissionais, materiais e oportunidades de prática esportiva” (DAOLIO, 2013, p. 132).

Damo (2012) entende que não só o futebol, mas também a Copa do Mundo carrega valores nacionalistas, além de mobilizar sentimentos nacionais: “justamente por envolver representações nacionalistas, a copa possui um forte componente político, mas este é mais relacionado aos afetos do que à diplomacia convencional” (DAMO, 2012, p. 44).

É válido lembrar que o momento pré-Copa do Mundo no Brasil, principalmente durante a realização da Copa das Confederações, foi marcado por manifestações e denúncias de descasos com o serviço público, colocando em xeque a real necessidade de investimento em um evento privado como a Copa. Nesses momentos, dizeres como “Não vai ter Copa”, “Copa para quem?”, Queremos Educação e saúde padrão FIFA” fizeram parte dos movimentos que cobravam atenção em torno da desigualdade social vivenciada com a organização do evento no Brasil. Ademais, a falta de acesso ao megaevento por grande parcela da população, que envolve os/as estudantes, garantiu a sensação de não participação na “festa” sediada pelo país onde moram. Soma-se a isso os inúmeros relatos de brasileiros que sofreram sérias consequências em decorrência do megaevento, os quais provocaram identificação e indignação das/os estudantes.

Assim, para aquelas/es estudantes não teve Copa. A festa, tão propagandeada, não aconteceu. Eles nada viram para além da televisão – onde eles sempre veem os megaeventos.

3.2 O futebol e o futsal: possíveis caminhos do esporte na e da escola

O jogo de “futebol” foi uma das atividades do estudo que deveria acontecer com a participação de todos/as os/as estudantes da turma. O objetivo foi diagnosticar os saberes prévios, coletivos, práticos, incorporados acerca desta prática corporal. Além disso, observar como se dava a organização da turma e provocar o surgimento de temas e problemas a serem debatidos posteriormente nas aulas.

Foi possível presenciar o futebol como linguagem comum entre eles/as, afirmando o quanto “a sociedade brasileira – não é exagero dizer – está impregnada de futebol” (DAOLIO, 2003, p. 156). Os/As estudantes rapidamente se organizaram para a prática. Aqueles/as que aparentaram gostar mais de futebol agilizaram o processo separando os times, decidindo quem começava com a bola etc.

Mas, qual jogo era aquele? Como, em tão pouco tempo, conseguiram organizá-lo com tanta adesão, regras tão definidas e já conhecidas? Por que não houve questionamentos sobre a organização do jogo? Como todos/as sabiam as regras daquele jogo?

A prática realizada é conhecida naquele contexto como futebol. É o futebol deles/as, daquela escola, daquela quadra (poliesportiva, chão de cimento pintado, linhas – quase apagadas – do futsal), com aquela bola (sempre qualquer uma), com aquelas travessas (quase caindo, sem rede), e que já vem sendo praticado há muito tempo, cotidianamente. Sem dúvidas, daquele “futebol” ninguém entende melhor do que aqueles/as estudantes.

A partir da prática, o grupo estabeleceu temas a serem discutidos na roda de conversa. Foram eles: a questão de gênero e o jogo muito populoso.

Apesar de afirmarem que aquela prática é o futebol, o que foi realizado foi mais próximo ao futsal e não apresentava preocupação com a rigidez institucional que um esporte organizado promulga. As cobranças de lateral e escanteio, número de jogadores/as, tipo da quadra e atitudes do/a goleiro/a mais se assemelhavam ao futsal do que ao futebol.

Era um jogo criado por eles/as e parecia se tratar de uma adaptação do futsal. Nitidamente havia semelhanças com o futebol, nomenclatura reivindicada, principalmente pela bola nos pés, pelo alvo e pela organização e dinâmica do jogo e dos/as jogadores/as em direção ao gol. Também as linhas, a regra de faltas, a pontuação, entre outras características.

Os jogos de pedipulação, como apresentados na proposta, possibilitaram a vivência do jogo “bola no pé” e trouxeram à tona temas que serviram de estopim para discussões acerca do futebol, como pôde ser visto.

Se o futebol um dia foi jogo/brincadeira, e alguns jogos/brincadeiras de bola com os pés lembram o futebol, logo, querer analisar tal simbiose e complexidade se justifica pela cabal inferência de encontrar um no outro, ao mesmo tempo em que se possa distingui-los (SCAGLIA, 2003, p. 71-72).

Se o futsal surge social e historicamente pela necessidade de adaptações do esporte futebol, o jogo praticado na quadra da

escola também foi criado a partir de adaptações possíveis visando ao sucesso de um jogo que pudessem chamar de futebol. “Na falta de campos oficiais ou de um número suficiente de jogadores para o futebol tradicional, surgiram ‘peladas’ improvisadas nas quadras de basquete e hóquei da instituição [Associação Cristã de Moços, no Uruguai]” (VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 9).

A compreensão exprimida por Vago (1996) da escola como espaço de produção de cultura nos possibilita olhar para aquela prática e reconhecê-la como um esporte *da* escola, em oposição à presença do esporte *na* escola. Aquele “futebol” tornou-se próprio daquele ambiente escolar. Sua construção foi produto das vivências daquele e naquele espaço, marcadas por inúmeros fatores e atores e atrizes que ali atuam sob aquelas condições.

Dessa maneira, também se torna possível reconhecer os/as estudantes como seres históricos, autores/as e transformadores/as de suas próprias práticas, em oposição ao tratamento do esporte de maneira inalterável e dada, reificado a partir do extremo da institucionalização.

3.3 Jogo x esporte

Nas aulas práticas, apesar do desejo de alguns/mas estudantes em estarem na “periferia da quadra” (OLIVEIRA; DAOLIO, 2014, p. 239) ser quase constante, foi possível perceber que as adesões variavam de acordo com as atividades propostas. Quando o futebol era evocado a resistência era grande. Por outro lado, quando a aula era destinada à prática de jogos a esquiava era menor, havia entusiasmo e o envolvimento era efetivo. As justificativas para a fuga das práticas de esporte transpareciam alguns estigmas do fenômeno: exclusão por gênero, seleção pelo nível de performance, regras pré-estabelecidas e endurecidas, conhecimentos díspares. O esporte parecia carregar esse ideário.

Os jogos possibilitavam construções coletivas e adaptações de acordo com as condições e necessidades das/os estudantes. Nessas práticas, o grupo era tomado pelo arrebatamento do jogo (HUIZINGA, 2004)⁸. A diversão era mais evidente e as artimanhas de convencimento para a participação, desnecessárias. Dessa maneira, os jogos proporcionavam mais envolvimento nos estudos pretendidos, nos temas levantados, na análise da própria prática.

O jogo, no estudo do esporte, fornece subsídios de compreensão da transformação de algumas práticas corporais em esporte, fenômeno conhecido como esportivização. Por isso, um amplo estudo do esporte na escola “deve abarcar desde os jogos que possuem regras implícitas, até aqueles institucionalizados por regras específicas” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 71).

O estudo sobre institucionalização das práticas corporais e suas transformações rumo à esportivização⁹ estava presente no planejamento visando invocar a história e o surgimento do esporte moderno, a partir de seus condicionantes históricos, sociais e econômicos, a imersão e transformação do esporte pelos ditames do capitalismo, com a formação de espectadores/as e consumidores/as esportivos e com as intensidades quando nos megaeventos esportivos. Acabou sendo tratado de maneira mais contundente já que o resultado da esportivização e do processo contemporâneo ao qual passa o esporte pareceu

afetá-los/as no cotidiano das aulas. O interesse maior pelo jogo em detrimento das práticas mais endurecidas do esporte proporcionou mais riqueza à essa discussão já prevista.

Nesse sentido, o estudo sobre os seres humanos como seres históricos e produtores de suas próprias práticas se tornou concreto. E, ademais, a compreensão dos/as jogadores/as como potencialmente criadores/as e recriadores/as de seus próprios jogos, no sentido contrário à reificação causada pela institucionalização das práticas corporais, pela esportivização.

Além disso, a socialização e divertimento causados pela prática do jogo resgatou “os valores que verdadeiramente socializam, privilegiam o coletivo sobre o individual, garantem a solidariedade e o respeito humano e levam à compreensão de que o jogo se faz com o outro e não contra o outro” (ASSIS DE OLIVEIRA, 2001, p. 28).

3.4 (Não) (às)as meninas e o (não) futebol

“Eu não jogo futebol!” (fala de uma aluna registrada em diário de campo)

A questão de gênero marcou a prática do “futebol” coletivo – narrado acima – e diversos outros momentos em que se requeriam práticas de jogos que se assemelhavam de alguma maneira ao esporte. Enquanto algumas alunas aproveitaram as propostas das aulas que legitimavam seus desejos de jogar, participando enfaticamente do jogo, outras mostraram muita resistência. Ao mesmo tempo, a discriminação dos meninos era evidente quando a proposta da aula inseria as meninas nas práticas que consideravam “seus territórios”.

Em relação ao gênero, a escola não está de maneira nenhuma isenta das determinações sociais que imprimem quais serão os comportamentos adequados de acordo com o sexo. Os estereótipos de gênero estão presentes na escola e lá podem ser reproduzidos, analisados criticamente e mesmo transformados dentro de algum limite. A escola sozinha não consegue quebrar condições de opressão vividas na sociedade. “Há um enorme investimento da sociedade em geral para que os sujeitos sejam ou se comportem dessa ou daquela forma, que gostem de determinadas coisas em função de seu sexo” (MOURA, 2005, p. 132). Porém, a escola pode agir educativamente no sentido da superação das condições de opressão, e, além disso, da não aceitação da discriminação naquele ambiente educativo.

Em uma retomada histórica sobre a presença das mulheres nos esportes, recorre-se ao fato de a elas não ser permitida a prática. Isso estava relacionado ao seu papel na sociedade, de gerar os futuros cidadãos/produtores/consumidores, e, também, às questões fisiológicas (GOELLNER, 2005). No Brasil, o futebol desde que instalado nessas terras foi consolidado como atividade masculina, sendo até hoje discriminatório para as mulheres e meninas. Na escola, os empecilhos e preconceitos são reproduzidos e na Educação Física isso pode tornar-se mais evidente, visto o caráter generificado e generificador do esporte (SOUSA; ALTMANN, 1999).

Nas aulas, os meninos afetos ao futebol gostariam que as meninas não estivessem no jogo. Porém, tentavam justificar sua “solidariedade” a elas por meio da participação de uma delas: “a melhor da classe”. Tal situação foi levada à roda de conversa sobre a prática realizada na aula, de maneira a ser

problematizada por todos/as. Apesar de algumas resistências, por parte dos meninos, em assumir a atitude discriminatória, tal tema foi bastante discutido, e pareceu causar alguns desconfortos e reflexões. O grande desafio foi na compreensão de que a permissão de uma menina para a prática, e especificamente daquela que apresenta a melhor performance, não é uma atitude inclusiva. A atitude continuava a ser discriminatória e garantia a presença das meninas no jogo a partir de modelos masculinos de performance.

É recorrente o fato de o masculino ser tomado como referência em relação ao qual o feminino é comparado. O referencial de habilidade corporal é masculino, ao qual elas precisam se igualar, desconstruindo a ideia de que são inábeis e mostrando habilidade na prática dos esportes (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011, p. 491).

A problematização sobre a relação entre futebol e gênero era um dos temas a serem tratados na proposta e aconteceu de forma constante, em algumas aulas mais presentes e em outras menos. A reflexão de uma dupla de alunas, fruto dos debates proporcionados em aulas pode ser vista a seguir:

Futebol meninos e meninas

O futebol dos meninos é bem diferente do das meninas porque quando as meninas são pequenas os pais dão bonecas, casinha, panelinhas e etc... Já os meninos ganham bola de futebol, Max Steel, skate, estilingue etc... Por isso os meninos acabam jogando melhor do que as meninas, sendo mais organizados.

Nós, meninas, não gostamos muito de futebol, porque a gente não sabe jogar direito, porque não praticamos muito este esporte (Registro do Jornal de Parede¹⁰).

As problematizações acerca do gênero e do esporte que fizeram parte de toda essa proposta de estudo provocaram reflexões que quebram alguns estereótipos e colocam a prática de esporte, principalmente aquele escolar, em um lugar de inclusão. Não se trata de uma inclusão de gênero nas práticas esportivas, mas, sim, um redirecionamento dos critérios que definem quem são aqueles/as que “podem” jogar na escola, no momento de recreio, na aula, etc. A exclusão por meio da performance no jogo também significa discriminação. Mas nas aulas de Educação Física todos/as têm direito e dever de ter acesso aos conhecimentos historicamente acumulados, fato que integra as práticas dos esportes, um dos conteúdos dessa disciplina escolar.

3.5 A participação das/os estudantes

A participação nas aulas propostas não foi de completa adesão e entusiasmo. A turma era caracterizada pela equipe docente da escola por sua apatia e pouco comprometimento em todas as disciplinas. Porém, para além destas características, tal resistência à participação pode ser analisada no contexto específico das aulas de Educação Física.

Como já visto, os/as estudantes não se sentiram entusiasmados pelo estudo da Copa do Mundo. Para eles/as se tratava de uma temática que não comovia o pertencimento, não fazia tão parte da sua realidade. Assim, a participação e o estudo se davam sem se diferenciar dos outros conteúdos da Educação

Física, e até mesmo do que relatavam outras/os professoras/es. O tema das aulas, constantemente relacionado ao futebol, também provocou a não-participação de alguns grupos de estudantes, entre eles as meninas.

O desejo de estar na “periferia da quadra”, que “é uma referência subjetiva aos tempos da aula de EF vivenciados pelos alunos que se distanciam da proposta inicial do professor” (OLIVEIRA; DAOLIO, 2014, p. 239), é uma constante nas aulas.

É possível perceber o desejo pela aula da Educação Física no significado de possibilitá-los sair da sala e, assim, estarem mais livres, menos enfileirados, sem necessariamente realizarem alguma atividade dirigida. Tal fato, somado à possibilidade de estar na “periferia da quadra”, é tomado pelo desejo de ter momentos de integração entre si, para conversar e brincar mais livremente. Mas isso não está isento da falta de vontade de participar da aula, seja pela dificuldade na aprendizagem ou pelo não envolvimento com a escola, disciplina, conteúdos escolares, professor/a.

Na Educação Física é possível visualizar mais nitidamente esses contornos dos desejos e escolhas dos/as adolescentes interagindo com o cotidiano escolar. A Educação Física carrega a especificidade dos ambientes mais abertos e maiores serem seus palcos e dos corpos serem evidenciados constantemente. Isso faz com que os/as estudantes estejam descobertos, na ausência de coberturas que os escondam e na eminência de escancararem seus “defeitos” e suas potencialidades. Em outras disciplinas essa mesma inação por parte das/os estudantes pode ser verificada, porém provavelmente chama menos atenção do que nas aulas de Educação Física.

3.6 Dissonâncias e silêncios: resistências (des)percebidas

A atualidade do tema estudado gerou expectativas por parte da professora pesquisadora de angariar parcerias de trabalho com outros/as professores/as ou de promover discussões que fossem relevantes para a formação do grupo que compõe a escola.

Essa transversalidade do futebol, esporte com presença marcante na cultura brasileira e agenda obrigatória das mídias, pode ser pensada para outras disciplinas escolares. Por exemplo, a Copa do Mundo, pela popularidade que alcança no Brasil, pode ser uma oportunidade privilegiada do ponto de vista didático-pedagógico, para a abordagem inicial de muitos temas/conteúdos (BETTI, 2009, p. 25).

Apesar da contemporaneidade do tema, e da urgência com a qual parecia se apresentar na escola, as expectativas em relação às parcerias de trabalho não foram alcançadas. Por mais que se insistisse nos debates durante as reuniões pedagógicas semanais, os/as professores/as não se interessaram por trabalhos interdisciplinares e tampouco pela proposta de estudo que se desenvolvia nas aulas de Educação Física.

Os/As professores/as pareceram ter sido atrapalhados, o que os obrigou a correr atrás dos prejuízos que a Copa do Mundo trazia ao cotidiano escolar: férias antecipadas, diminuição de semestre, férias dos/as estudantes expandidas, projetos – advindos da secretaria – que caíram na escola buscando aleatoriamente alguém para efetivá-los. Nesse sentido, é possível

compreender, diante da realidade docente que permite pouco tempo de planejamento, nenhum tempo de planejamento entre pares e ainda oferece um cotidiano estressante e desestimulante, a falta de condições para trabalhos interdisciplinares, parcerias e formações.

Houve também alguma resistência que atribuía os estudos que a professora estava propondo, pelo seu caráter crítico, como simples atuação político partidária. Esse tipo de resistência/negação foi o que demandou mais energia e tempo, pois foi aquele que exatamente justificava a necessidade da formação com os/as demais professores/as da escola sobre o esporte e os megaeventos esportivos. Ou seja, a falta de compreensão sobre o esporte moderno, a ausência de leitura crítica da realidade – ainda mais naquele momento de Copa do Mundo quando tantas coisas aconteciam por meio de sua legitimação –, a ignorância, provocava mais do que a simples negativa em possíveis parcerias. Provocava o descaso com o trabalho desconhecido.

Esse tipo de ocorrência reforça o lugar que é dado à Educação Física historicamente na escola, como aquela disciplina sem objeto de estudo, hierarquicamente inferior em relação às outras.

3.7 Um convite para olhar pelo olhar (delas/es)

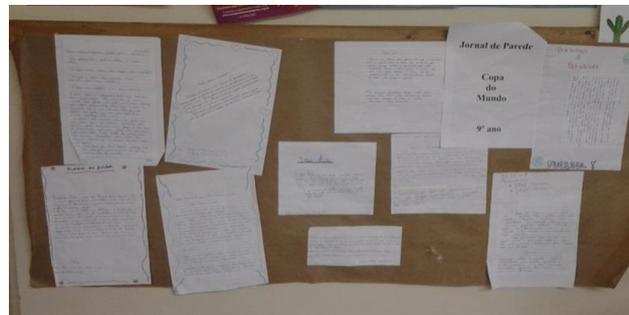
O Jornal de Parede foi o principal instrumento utilizado com fins de avaliação do processo ensino-aprendizagem. Trata-se de uma ferramenta que demanda produção dos/as estudantes sobre os temas desenvolvidos. O formato de registro livre permite que os temas sejam tratados das mais diversas maneiras: narrações das aulas, redação sobre a importância do estudo, desenhos, memórias, descrições, mapas conceituais.

Os registros foram realizados em duplas ou trios e foram colados em um grande “jornal” (utilizamos papel *kraft*) que foi exposto nas paredes da escola. Tal ferramenta provocou o compartilhamento dos conhecimentos e informações acerca do tema estudado com o restante da escola, fato muito interessante naquele momento.

Esses registros, que compuseram o Jornal de Parede, foram produzidos em dois momentos: na metade e no final do conjunto de aulas da proposta de estudo. Cada trio ou dupla era responsável por registrar um tema ou atividade estudada. Desta maneira, ao final do estudo havia nas paredes da escola um grande jornal sobre o tema Copa do Mundo, que foi finalizado poucos dias antes do início do evento, como apresentado na Figura 2.

A professora participou dos momentos de confecção dos registros dialogando e buscando aprofundar os assuntos a serem

Figura 2 - Foto 1ª etapa do Jornal de Parede, exposto no corredor da escola



Fonte: elaboração própria

registrados, fazendo correções, observando seu envolvimento e sua apropriação dos conhecimentos. Tal ação possibilitava a avaliação de maneira mais abrangente, para além do resultado concreto do Jornal.

Apesar de esta ser a principal ou evidente avaliação do processo ensino-aprendizagem da intervenção pedagógica que estudou a Copa do Mundo, não foi a única. A avaliação mediante observação também ocorreu em todos os outros momentos.

Considerações finais

O artigo aqui apresentado teve o objetivo de analisar e refletir criticamente acerca de uma intervenção pedagógica na Educação Física Escolar que visou estudar a Copa do Mundo, com ênfase na edição brasileira em 2014. Desta maneira, foram apresentados tanto o planejamento – produto fundamental do trabalho docente – quanto os resultados da intervenção pedagógica.

O planejamento para a prática pedagógica foi elaborado a partir dos estudos da área da Educação Física tendo como norte os objetivos que se almejava: o estudo crítico reflexivo sobre a Copa do Mundo nas aulas de Educação Física e seu fenômeno evidente, o esporte futebol.

A intervenção pedagógica, como pôde ser visto, alcançou a finalidade de proporcionar aos/as estudantes um estudo sobre a cultura corporal e a realidade, materializada na Copa do Mundo como tema. A aproximação entre a escola e o esporte, proporcionada por esse estudo, buscou não efetivar a submissão de uma instituição a outra, na compreensão de que, sendo realizado na escola, deve seguir a intencionalidade educativa proposta por este local. Além disso, por meio do processo educativo, configurar os/as estudantes como sujeitos históricos e, portanto, criadores/as e transformadores/as de suas práticas, traçando assim outra relação com o esporte e até mesmo com as práticas sociais.

A proposta apresentada, discutida e analisada tem a potencialidade de ser colocada em prática em distintos momentos de realização de megaeventos seja no Brasil ou em outros países. Ou, ainda, pode fornecer elementos de discussões para compor novas propostas pedagógicas que tematizem o megaevento.

O caminho percorrido pelo estudo e as reflexões críticas acerca dele, mais do que o resultado de ter alcançado a finalidade ou não, é o que confere elementos de discussões interessantes para os/as leitores/as deste artigo. Sendo assim, buscamos incrementar o diálogo com a área da Educação Física, visando sempre sua potencialidade. ■

Notas

¹ No texto chamamos de Copa do Mundo a Copa do Mundo de Futebol Masculino da FIFA.

² Algumas políticas tiveram destino na escola pública: alteração nos calendários e projetos que tematizam a Copa são alguns exemplos. Sobre isso ver: SIGNORELLI MIGUEL, Rebeca; PRODÓCIMO, Elaine. O esporte, suas legitimações e relações com a escola em momento de Copa do Mundo no Brasil. RBCM, v.27, n.2, 2019.

³ A Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil, ficou conhecida pela divulgação de impactos sociais como remoções, alterações no transporte, interferência na circulação de cidadãos na cidade. Esse contexto influenciou a forma que a Copa “entrou” na escola.

⁴ O momento de realização de um megaevento esportivo envolve atuação massiva da mídia, na procura intensa em formar uma massa cada vez maior de espectadores e para isso atua apelativamente para discursos ufanistas, relaciona a outros temas instigantes, excede com as propagandas. A atuação midiática é no sentido da consagração do esporte como principal e mais importante atividade a ser consumida e assistida. Mas, não sobre qualquer esporte, trata-se especificamente daquele dos megaeventos – do alto rendimento, do consumo, das grandes arenas construídas para o espetáculo televisivo, sem nem sequer espaço para se pensar em outras possibilidades de esporte.

⁵ Conceito marxista que define relações e produtos sociais como coisas. Assis de Oliveira (2001) propõe a superação da reificação a partir do entendimento de que o esporte é produto humano e, portanto, tem possibilidade de ser (re)construído, transformado, o que vai de encontro à ideia de naturalização do fenômeno esportivo como instituição dada, inalterável. Berger e Luckmann (1974) salientam a reificação como uma das etapas de consolidação das instituições na sociedade.

⁶ O desenvolvimento da proposta aqui discutida foi fruto da dissertação de mestrado intitulada “A escola recebe a Copa do Mundo no Brasil”, 2015, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas-SP.

⁷ O projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) sob o número (CAAE) 25996114.9.0000.5404.

⁸ É em seu livro “Homo Ludens” que Huizinga discorre sobre o arrebatamento causado pelo jogo. Apesar de os estudos sobre o jogo atualmente terem superado algumas questões trazidas por Huizinga, trata-se de um autor muito importante neste campo de estudos. Quando reflete sobre o arrebatamento, consolida a visão do jogo em relação com o lúdico. O arrebatamento causado pelo jogo desobriga os questionamentos e a ordem racional, no sentido da entrega à atividade total lúdica.

⁹ O esporte passa pelo fenômeno da institucionalização no momento que há sistematização de práticas corporais entendidas como jogos, com estabelecimento de regras fixas, sistema competitivo, padronização de movimentos (ELIAS, 1992). A esportivização é o fenômeno de transformar práticas corporais diversas em esporte, ou seja, a institucionalização dessas práticas sob os códigos e características do esporte moderno (GONZÁLEZ, 2014).

¹⁰ O Jornal de Parede é uma ferramenta da Pedagogia Freinet que tem como objetivo a consciência crítica dos/as estudantes acerca dos acontecimentos cotidianos da escola (FREINET, 1973). Apesar de objetivos similares, este instrumento não é o mesmo daquela pedagogia. O nome “Jornal” é devido ao exercício midiático de exposição dos fatos (descrição das aulas e temas estudados), impressões e experiências. O local de exposição foram as paredes da escola, assim o nome “Jornal de Parede”. Tal uso será explicado posteriormente no texto.

Referências

- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Sílvia C F. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar e meninos são habilidosos ao jogar"? **Estudos feministas**, Florianópolis, v.19, n.2, p.491-501, maio/ago. 2011.
- ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1974.
- BETTI, Mauro. Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: inversionalidade e transversalidades na cultura esportiva e na Educação Física escolar. **Motrivivência**, 32/33, jun/dez, 2009.
- BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar. **Em Aberto**. jun 14;26(89). 2013.
- BRACHT, Valter. Sociologia **Crítica do Esporte**: Uma introdução. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 3ª versão. Brasília: MEC, 2017.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAMO, Arlei Sander. O desejo, o direito e o dever: a trama que trouxe a Copa ao Brasil. **Movimento**. abr 18(02). 2012.
- DAOLIO, Jocimar. **Cultura, educação física e futebol**. Campinas: Unicamp, 2003.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação Física escolar e megaeventos esportivos**: desafios e possibilidades. Fórum Permanente "Megaeventos Esportivos e Educação Física Escolar: desafios e possibilidades para a escola", UNICAMP, Campinas, maio. 2013.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, Memória e Sociedade, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à Prática Educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREINET, Celestin. **Para uma escola do povo**. Porto: Presença, 1973.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev Bras Ed.Física e Esporte** (São Paulo) 19(2) abr-jun. 2005.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Verbete Esportivização. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (org.) **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2014.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime, FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Entre o "não mais" e o "ainda não"**: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. Cadernos de formação RBCE. set 20;1(2). 2010.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- MARTINS, Joel. A pesquisa qualitativa. In: Fazenda I. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.
- MASCARENHAS, Fernando. Megaeventos esportivos e Educação Física: alerta de tsunami. **Movimento** (Porto Alegre), 18(1), 39-67, jan/mar. 2012.
- MELO, Victor Andrade de. Corpos, bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX. **História do esporte no Brasil**: do império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009.
- MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, Jocimar (org.) **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.
- OLIVEIRA, Nelma Gusmão. Jogo espetáculo, jogo negócio. In: JENNINGS, Andrew et al. **Brasil em jogo**: O que fica da Copa e das Olimpíadas? Rio de Janeiro: Boitempo, 2014.
- OLIVEIRA, Rogério C.; DAOLIO, Jocimar. Na 'periferia' da quadra: educação física, cultura e sociabilidade na escola. **Pró-Posições** (UNICAMP. Impresso), v. 25, p. 237-254, 2014.
- SCAGLIA, Alcides José. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés**: todos semelhantes, todos diferentes. Campinas. Tese [Doutorado]. Universidade Estadual de Campinas. 2003.
- SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **Futebol, Malandragem e Identidade**. Vitória: secretaria de produção e difusão cultural, 1994.
- SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas**: expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. Caderno Cedes, XIX (48), ago. 1999.
- SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Motriz** (Rio Claro), v.16, n.4, out/dez. 2010.
- VAGO, Tarcísio Mauro. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente - Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**. v.3, n.5, p.4-17, set. 1996.
- VAZ, Alexandre Fernandez; BASSANI, Jaison José. Esporte, Sociedade, Educação: Megaeventos esportivos e Educação Física escolar. **Impulso** (Piracicaba), v.23, n.56, jan.-abr. 2013.
- VIEIRA, Sílvia; FREITAS, Armando. **O que é Futsal**: história, regras, curiosidades. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, COB, 2007.